

Visconde de Taunay: leitor, observador e escritor. Reverberações do pensamento paisagístico de Saint-Hilaire na *Viagem Philosophica aos Campos Geraes e ao sertão de Guarapuava*

Darcio Rundvalt (UEPG)

De que me serve tanta nota tomada, de que valem essas flores e folhas murchas, esses esboços de lugares que jamais, jamais tornarei a ver, todas essas instigações à vivacidade da memória? Para desconfortáveis confrontos basta o que ela por si pode avivar nas brumas do que já foi, quando a alma olha para trás, à maneira do viajante que galgou elevados cimos e quer ter idéia das distâncias que venceu.

[...] Mas, Santo Deus, o descanso é a atonia, a tristeza, o desalento! Trabalhar, trabalhar de qualquer modo, eis o lenitivo único aos desgostos, às decepções, ao desconsolo supremo, à acabrunhada e letal melancolia!... (TAUNAY, 2004. p. 209)

Verdade é que não me poupava à fadiga, em contínuas viagens, para ajuizar das estradas e caminhos, conhecer as localidades, pôr-me em contato com os seus homens e estudar *de visu* as questões que lhes eram atinentes.

Nem há melhor sistema de administrar. Mais vale um olhar, uma impressão repentina e segura dos fatos, do que os mais minuciosos e bem-elaborados relatórios e exposições. (TAUNAY, 2004. p. 557)

O Visconde de Taunay – título nobiliárquico que Alfred d'Escragnolle Taunay recebeu do Imperador D. Pedro II no ano de 1889 a partir do qual suas obras geralmente são identificadas (BLANC, 2009, p. 176) – inicia seu relato de viagem expondo uma preocupação bastante bucólica: “tantos e tão grandes desenganos já tenho sofrido, [...], tanta esperança baldada, que mais uma decepção, e esta de ordem litteraria, não será a espada de Brenno na balança das desillusões.” (TAUNAY, 1923, p. 70)¹

Tal é o estatuto que ele confere à sua relação de viagem: um trabalho literário.

Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico, Taunay concebia a viagem como um princípio fundamental para a administração de qualquer território, havendo a necessidade de “inspecções *de visu*”, vistorias e “renovação do pessoal dirigente” (p. 72); mas, também servia para fazer um inventário, quase uma coleção, das paisagens brasileiras – tomemos, por exemplo, seu romance *Inocência*: o primeiro capítulo “O sertão e o sertanejo” é uma descrição da paisagem mato-grossense, o segundo “O viajante” uma descrição daquele que viaja, vê, mas que por vezes se percebe distraído ou pensativo.

O relato de viagem

Um gênero sem lei.

É assim, quase como um oxímoro, que Le Huenen (1987) define a literatura de viagem; esse gênero livre, marcadamente antigo, cuja “as *Histórias* de Heródoto e a *Anabase* de Xenofonte constituem, talvez, as primeiras manifestações” (p. 45). A diversidade de formas discursivas que compõe esse gênero variam desde “o diário (Montaigne, *Journal de voyage*), a autobiografia (Chateaubriand, *Mémoires d’Outre-Tombe*), cartas (Sand, *Lettres d’un voyageur*), o ensaio etnográfico (Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*), etc.” (p. 46).

Mas, certamente é fato que “o relato de viagem se torna possível a partir da realização da própria viagem” (ROSSATO, 2007, p. 76), contemplando, ou circulando “entre a memória, a história, a descrição de aventuras, as informações geográficas” (p. 76). Esses elementos que o relato abarca estão estruturados, segundo Réal Ouellet (2010), a partir de “uma tríplice demarcação discursiva: narração, descrição e comentário.” Ou seja, “contam uma história, propõe um inventário, comentam ou discutem ideias.” (p. 2).

Por se tratar de um gênero livre, em que suas formas possuem “uma plasticidade que permite se adaptar as diferentes mutações estéticas e ideológicas que afetam o curso de uma sociedade” (LE HUENEN, 1987, p. 45), os relatos de viagem a partir do século XIX tornam-se veículo de comunicação científica.

Mary Loise Pratt (1999) e Francisco Moraes Paz (1996) apontam que a viagem de Alexander von Humboldt à América espanhola será um marco, pois define o moderno modelo de explicação científica e o relato de viagem se torna uma leitura instrutiva, educativa, uma fonte privilegiada para o ensino (o relato é um “museu de tudo”, uma enciclopédia) e de conselhos para os administradores; além, é claro, de fazer com que sejam vistas novas paisagens exóticas. Conforme Sússekind (1990, p. 45), o relato de viagem do século XIX deixa de ser escrito por “viajantes-aventureiros” para se tornar comunicação científica de naturalistas, zoólogos, paisagistas, geógrafos.

Podemos, sem equívoco, alocar o relato do Visconde de Taunay nesse período.

A polifonia do conceito de paisagem

O geógrafo Augustin Berque (1997) propõe que o conceito de paisagem é ambivalente, possui dois enfoques:

Um deles [dos enfoques] se refere às coisas do entorno, consideradas em sua forma intrínseca. O outro se refere a sua representação a partir do ponto de vista de um sujeito, mediante a utilização de palavras e imagens. A primeira concepção está na origem de disciplinas científicas como a ecologia da paisagem. Trata-se de uma *morfologia do ambiente*, em que um dos atributos essenciais é a medição, ou capacidade de mensurar (nela se mede, por exemplo, a separação média entre as árvores, a altura destas, etc.). A outra concepção é derivada de um enfoque estético, em que o essencial não se mede, ao menos não da mesma forma que o meio físico. (p. 7-8)

É essa segunda concepção que norteia o conceito de paisagem. Pois se a paisagem nos remete às “formas de ver” ou as “formas de falar sobre o que se vê”, ela é resultante do nascimento, ou da invenção, de uma nova sensibilidade. E, portanto, possui a sua historicidade, seu tempo, sua origem complexa.

O filósofo Alain Roger (1997), em acordo com Berque, propõe que a afirmação dessa nova percepção do espaço é resultante de uma laicização da natureza, uma restauração da dignidade dos sentidos, que reconcilia o espírito humana com a natureza.

Anne Cauquelin (2007) propõe que o surgimento da pintura de paisagem constitui a operação retórica que afirma o surgimento dessa nova percepção da natureza, pois “garante o transporte de uma realidade para sua imagem” (p. 113)

Essa nova sensibilidade que se estabelece no ocidente em meados do século XV, mais especificamente na Europa, é denunciada pelo aparecimento nas línguas latinas de uma nova palavra, e nas línguas germânicas pela ampliação do significado de uma palavra já existente, como diz Berque (1997):

A partir desse momento os europeus viam a necessidade de dar um nome ao que haviam começado e a olhar [...]. O problema foi resolvido de duas maneiras: nas línguas germânicas foi acrescentado um novo significado a uma palavra (*Landschaft, landskip, landscape...*) que já existia (*Landschaft* está, por exemplo, documentada desde o século VIII), mas que até o Renascimento queria dizer outra coisa (região, província, etc.); nas línguas latinas cria-se um novo termo, acrescentando o sufixo *-age (-aggio, -age...)* a palavra “país” (*paese, pays...*). (p. 18)

Para o geógrafo Milton Santos, a paisagem é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza.” (SANTOS apud SANDERVILLE JR, p. 8). Essa concepção histórico-geográfica de paisagem supera, assim, a dualidade clássica entre paisagens naturais e paisagens culturais, dando lugar a uma visão “cuja ênfase recaia nos resultados da ação do homem sobre o meio ambiente.” (SILVA, 1997, p. 204) Em seu *Paisagem e Memória*, o historiador Simon Schama afirma que “a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto estratos de rochas.” (SCHAMA, 2009, p. 17). E, ainda mais enfaticamente, considera que “a nossa tradição da paisagem é produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões.” (p. 24).

Alain Roger (2007) afirma que

[...] uma paisagem nunca é redutível a sua realidade física – os geosistemas dos geógrafos, os ecossistemas dos ecólogos, etc. –, a transformação de um *país* em uma paisagem supõe sempre uma metamorfose, uma metafísica, entendida em um sentido dinâmico. Em outros termos, a paisagem nunca é natural, mas sempre “sobrenatural”. (p. 13)

A paisagem seria, pois, *a fisionomia de uma dada espacialidade*, reunindo em si elementos morfológicos, biológicos e culturais de forma específica, o que dá a esse espaço uma feição particular, uma singularidade.

A viagem de Taunay

Iniciada em fins de Março de 1886, a excursão contava com toda a família do Visconde – então presidente da província do Paraná – e do chefe de polícia Dr. Herminio do Espírito Santo, que também levava sua família; e tinha objetivos político-administrativos: visitar os povoados mais importantes das duas regiões (Campos Gerais e Guarapuava); que, segundo o autor, presidente algum da província jamais havia ainda chegado desde que a vasta zona paranaense se separara de São Paulo. O objetivo de Taunay era mostrar-se um administrador diferente de todos os outros que governaram a província até então; para isso empreendeu uma viagem às áreas mais distantes da província, escreveu um relato

da experiência e associou suas ideias ao naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, demonstrando estar ciente das observações estrangeiras e dos conselhos “essenciais” que este destinava aos administradores do Novo Mundo.

Uma das características mais marcantes do relato é o misto de inventário e elucubração, denunciada, por vezes, pela recorrência de expressões, tais como: “voltemos” (Taunay, 1926, p. 84), “viajemos, porém, em vez de philosopharmos” (p. 141), “enfim, continuemos” (p. 145); ou, “não é raro contemplar” (p. 119), “ingenuamente o olhar do viajante procura” (p. 132).

O caráter geral da narrativa é exposto pelo escritor logo no início:

Será certamente esta mescla de informações exactas e bem firmes com outra parte, toda de devaneios, hypotheses, conjecturas e meditações, mais ou menos concatenadas e justificaveis, que póde incutir algum encanto á minha narrativa. E se essa impulsão não for transmittida a quem me fizer o favor da sua attenção, então não terei alcançado a meta que collimo. [sic] (p. 70)

De fato todo o relato é marcado por um misto de nomes de administradores, nomenclaturas científicas de plantas e rochas, localidades e estradas; ao mesmo, mistura lembranças pessoais das campanhas na guerra do Paraguai, impressões sobre a natureza e costumes da população imigrante.

Em suas “Memórias”, o Visconde de Taunay (2004) expressa a admiração que sentia por “viajantes como Pohl, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Agassiz, Burton e tantos outros nas dilatadas peregrinações pelo esplêndido Brasil” (p. 207); “que existência tão bem preenchida, tão plácida em suas honestas agitações, tão proveitosa e singela!” (p. 208).

A admiração que expressa por Saint-Hilaire será denunciada pela adjetivação que dará ao naturalista francês em seu relato de viagem: “consciencioso naturalista” (Taunay, 1926, p. 101), “ilustre viajante” (p. 147), etc. De fato, o relato de Taunay é marcado por reverberações dos escritos de St. Hilaire, como é possível comparar a seguir:

Como typo de vegetação, o pinheiro é no Paraná uma verdadeira planta de ornamentação gigantesca. Quem viaja pelos Campos Geraes, não póde por vezes reprimir um movimento de admiração, ao contemplar aquellas verdejantes vastidões que se desenrolam, não chatas e uniformes como planicies interminaveis, porém, sim, dobradas, cheias de pittorescos accidentes, com fundas e elegantes ondulações, verdadeiras bacias de colossal parque inglez, vastidões em que os pinheiros, já em grupos, já

10.4025/6cih.pphuem.216

isolados; já ao encontro das quebradas, já no ponto culminante dos outeiros, já solitários, já casando a sua folhagem áspera e glauca com a coloração multicolor de outros vegetaes, dão cunho particrilar e imprimem feição toda sua áquelles campos illuminados pelo sol com luz sempre mais ou menos branda e sem os ardores violentos que experimenta o viajante nos descampados e chapadas de Goyaz e Matto-Grosso e o envolvem numa atmosphera de fogo, sobretudo nos muitos areiaes existentes para os lados de Sant'Anna do Paranahyba e de Bahus. (Taunay, 1926, p. 118)

Esses *campos* são certamente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América; suas terras são menos planas, não tendo pois a monotonia das nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas que limitem o horizonte. Até onde a vista alcança, descortinam-se extensas pastagens; pequenos capões, onde sobressai a valiosa e imponente *Araucária*, surgem aqui e ali nas baixadas, o matiz carregado de sua folhagem contrastando com o verde claro e viçoso do capinzal. [...] O céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais a fragilidade da nossa vista. É a *Araucaria brasiliensis* que, por sua altura, pela majestosa elegância de suas formas, por sua imobilidade e pelo verde-escuro de suas folhas contribui, particularmente, para dar uma fisionomia característica aos Campos Gerais. Em alguns trechos essa pitoresca árvore, elevando-se isolada no meio das pastagens, deixa-se admirar em toda a beleza do seu talhe e faz ressaltar, pelos matizes sombrios de suas folhas, o verde tenro da relva que cresce a sua sombra. Em outros lugares ela forma densos bosques [...] (Saint-Hilaire, 1995, pp. 12-14)

Por vezes o Visconde parece imitar, até mesmo repetir as palavras com que Saint-Hilaire descreveu a paisagem dos Campos Gerais. É fato curioso como Taunay se refere “áquelles campos illuminados pelo sol com luz sempre mais ou menos branda e sem os ardores violentos que experimenta o viajante nos descampados e chapadas de Goyaz e Matto-Grosso”, potencializando a referência de St. Hilaire ao fato de que “o céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais a fragilidade da nossa vista”, como se a constatação do naturalista francês fosse confirmada, atenuando aos “olhos” nacionais a salubridade desses espaço.

Em outro momento, referindo-se aos imigrantes poloneses Taunay afirma que

Até quanto alcance a vista, campos accidentadas cobertos das mais viçosas plantações de trigo; aveia, centeio, linho, canhamo e no meio dellas trechos de milho, feijão, arroz, batatas de Demerára e cama de assucar, emfim o tapete mais garrido e curioso com todos possiveis ancenubios da cor verde.

E aqui, e alli, magestosos pinheiros, uns isolados, outros em grupos de tres ou quatro, a se erguerem do seio das culturas rasteiras e dando a tudo um cunho da mais poetica perspectiva européa, [...] (Taunay, 1926, p. 77)

Como se o projeto que St. Hilaire havia pronunciado tivesse se realizado, modificando a paisagem, dando uma nova vista, uma paisagem europeia.

Depois de tudo o que acabo de dizer, vê-se que não foi sem razão que apelidei os Campos Gerais de paraíso terrestre do Brasil. Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colhia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia. (Saint-Hilaire, 1995, p. 32)

A partir de então, para Taunay, o Paraíso terrestre no Brasil pronunciado por Saint-Hilaire começava a ganhar contornos, cores, elementos mais diversos da cultura europeia; os imigrantes (especialmente de origem alemã, italiana, polonesa e russa) dariam novos ares aos Campos Gerais, a paisagem que começava a se tornar anacrônica, estagnada, com o auxílio do elemento pedagógico europeu se modernizaria. Taunay propunha, para que os Campos Gerais tivessem um futuro pastoril, que fossem introduzidas novas espécies de ervas para pastagem, “substituindo em grandes extensões os pastos naturais” (p. 115). Um novo mosaico de cores substituiria o verde quase amarelado dos campos naturais, a paisagem seria dominada, civilizada.

¹ A edição consultada é de 1923, e opta-se neste artigo em manter a grafia original do documento.

Referências Bibliográficas

- BERQUE, Augustin. En el origen del paisaje, **Revista de Occidente**, nº 189, 1997.
- BLANC, Claudio. Diários de um Clássico. In: TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LE HUENEN, Roland. Le récit de voyage: l'Entrée en littérature. **Etudes littéraires**, vol. 20, nº1, 1987, pp.45-61.
- ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário**: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822). Itajaí: UNIVALI, 2007.
- OUELLET, Réal. **La relation de Voyage en Amérique (XVI^e-XVIII^e siècles). Au carrefour de genres**. Québec: Éditions du Cierl, 2010.
- PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ROGER, Alain. **Breve Tratado del Paisaje**. Madri: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.
- SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. **Revista Paisagem e Ambiente**, no. 20. São Paulo: FAU/USP. 2005.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva. História das Paisagens. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- TAUNAY, Visconde de. **Memórias**. São Paulo: Iluminura, 2004.
- _____. Viagem Philosophica aos Campos Geraes e ao sertão de Guarapuava. In: TAUNAY, Visconde de. **Visões do Sertão**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1926.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultura, 1995.